

ESTRUTURAÇÃO E VERBALIZAÇÃO NO CONHECIMENTO SOCIAL*

M. Dulce B. Bergamin**

RESUMO

Cento e quarenta crianças de 6 a 12 anos, de ambos os sexos, foram solicitadas a cumprir duas tarefas, baseadas no método de colocação de bonecos. Na primeira deveriam dispor um conjunto de 15 bonecos sobre uma folha de papel, e na segunda deviam tomar dois bonecos quaisquer supondo que mantivessem certo tipo de relação social e inventando o diálogo que pudessem estar travando. A análise dos resultados revela um processo psicogenético de estruturação do conhecimento social, e uma crescente antecipação das implicações do comportamento, acompanhada do aumento da complexidade do pensamento.

* Trabalho baseado em tese de Livre Docência defendida na ESALQ em 1983. Entregue para publicação: 11/11/86

** Professora do Departamento de Economia Doméstica, ESALQ/USP, Piracicaba-SP.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento do comportamento social, que torna possível a penetração da criança no mundo social dos adultos, tem sido abordado em psicologia sobretudo a partir de um ponto de vista empirista, que o encara como um processo de aprendizagem de respostas e padrões de conduta.

Entretanto, uma abordagem mais rica e produtiva parece ser aquela que considera o desenvolvimento da socialidade como um processo de construção estrutural, em que as trocas entre o indivíduo e o meio social levam a uma progressiva organização da experiência. Através da construção de noções e conceitos, pela abstração que se opera em diferentes níveis, torna-se o comportamento social cada vez mais complexo, articulando perspectivas e antecipando situações.

O presente trabalho constitui um passo inicial no sentido de demonstrar as possibilidades do estruturalismo genético para o estudo da socialização. Apresenta dados empíricos que demonstram a existência de um processo interno de construção da noção de relação social.

REVISÃO DA LITERATURA

Os trabalhos de SOLOMON E. ASCH, inicialmente publicados há mais de três décadas (1952), constituem ainda uma rica fonte de inspiração para a psicologia social. Seu grande mérito foi sem dúvida ter contribuído para demonstrar, através de dados empíricos originais, a influência decisiva que os fatores cognitivos exercem na determinação do comportamento social. É o que se verifica por exemplo no trabalho sobre a "compreensão de

afirmações", em que o autor demonstra que o sentido assumido por um objeto social varia grandemente em função do contexto em que se encontra inserido. Tendo demonstrado que o conteúdo cognitivo de uma afirmação se altera em consequência da mudança de autoria, ASCH concluiu, após numerosas observações, que "uma ação adquire sentido e significação através de sua relação com as condições de tempo, lugar e circunstância" (1960, p. 193).

Mais recentemente RODRIGUES (1972) assume ponto de vista semelhante, ao acentuar a importância do que chama "fatores situacionais" na determinação do comportamento social.

Verifica-se de modo cada vez mais claro que o comportamento socialmente relevante é sempre produzido em uma situação penetrada de compreensão, e esta por sua vez depende não só da clareza com que a situação se apresenta ao indivíduo mas também, como nota ASCH (*Ob. cit.*, 184), do nível de conhecimento e da qualidade do pensamento desse indivíduo. Em outras palavras, o comportamento social é fruto de uma interação de fatores individuais e situacionais, o que supõe um processo de troca entre o indivíduo e o meio social em que está inserido.

Como já se destacou em outro contexto (Cf. BERGAMIN, 1982), apesar de ASCH não ter afirmado explicitamente a existência de um processo dinâmico (e dialético) de troca na relação indivíduo-sociedade, a descrição que faz desta relação leva a supor uma interpretação desse tipo. Porém ASCH, gestaltista convicto, enfatizou sempre as estruturas internas de conhecimento como fatores determinantes do comportamento, tendo se devotado principalmente ao estudo dessas estruturas, privilegiando em seus trabalhos a percepção como processo de conhecimento.

Esta é, certamente, a principal limitação de tais trabalhos, assim como do modelo proposto por RODRIGUES, que destaca a importância do ato de percepção da ação humana (ou percepção social) na determinação do comporta-

mento, incluindo aí processos complexos de conhecimento, avaliação e julgamento como determinantes do percepto. Com razão afirma este autor que tal ato seria melhor designado de "cognição social". A este respeito é interessante e esclarecedora a comparação feita por PIAGET entre os processos perceptivos e os cognitivos.

O recurso a processos e mecanismos psicológicos relativamente simples como a percepção, para explicar fenômenos tão complexos como os de natureza psicossocial, revela-se pouco satisfatório, exigindo novas modalidades de explicação, mais abrangentes e que levem em conta dimensões correlatas de tais fenômenos. Entre estas, são relevantes o conjunto de crenças a que eles se ligam, bem como certas práticas institucionalizadas. Exemplo de trabalho que demonstra bem este fato encontra-se em DELA COLETA (1984). Investigando amplamente o processo de atribuição de causalidade e suas manifestações no meio social brasileiro, este autor chega à conclusão de que aquele é um processo que interage com vários fatores internos e externos, presentes no indivíduo e no sistema de crenças que a cultura oferece e que ele incorporou ao longo da vida, na convivência social. E o autor rejeita a hipótese da reatância psicológica como mecanismo capaz de responder pela complexidade dos dados observados.

Tendo em vista os objetivos do presente trabalho, não convém prolongar tal análise, mas apenas afirmar, como ponto de partida, que a interação social é essencialmente dinâmica e compreensiva. Parte-se do pressuposto de que a realidade social é uma realidade significativa, que se constrói através da interação social e assume um caráter objetivo graças à exteriorização da experiência subjetiva, que passa a ser compartilhada.

Tais idéias, baseadas na obra de PETER BERGER e THOMAS LUCKMANN (1978), levam à consideração do mundo social como um universo simbólico, no qual se desenvolvem as ações sociais. Isso significa que estas ações, sob o ponto de vista psicológico, ocorrem ao nível da ativida-

de representativa, resultando de um processo de reconstrução da experiência. Um exemplo pode esclarecer tal proposição. Reconhecer e classificar o gato como um animal, isto é, um indivíduo pertencente a essa espécie e não a outra, requer certas operações intelectuais como o conhecimento das diversas espécies, a classificação do gato em uma e não na outra, a ordenação de classes distintas nessa espécie, o que permite situar o gato em uma delas, etc. Tais operações e muitas outras, que possibilitam o conhecimento do mundo físico, foram bem estudadas por JEAN PIAGET.

Entretanto, afirmar e aceitar a proposição de que "o gato é um animal ingrato" é um processo de conhecimento que, embora envolva também a noção de "gato", opera com ela em outro nível; requer a utilização de noções e significados socialmente definidos, como por exemplo a noção de ingratidão: o que significa "ser ingrato", porque o gato, mais que outros animais, pode ser considerado ingrato, etc. É claro que este processo é por sua vez diretamente influenciado pela experiência pessoal do indivíduo com esse animal e simultaneamente pelo sistema de crenças dominante no meio social, favorável ou não a esta convicção específica.

Para a psicologia social o reconhecimento de tais fatos têm consequências teóricas e metodológicas importantes. Teoricamente verifica-se a inviabilidade de se aceitar modelos simplificadores dos fenômenos em estudo, incapazes de explicá-los em sua complexidade. Todo reducionismo é, portanto, inaceitável.

Metodologicamente, torna-se necessário buscar métodos e procedimentos que possibilitem a apreensão ampla dos fenômenos em sua totalidade, sem fragmentá-los. Assim, embora possa ser usada em certas fases da pesquisa, a experimentação deixa de ser encarada como método necessário ou modelo ideal do procedimento científico.

O método clínico, de observação sistemática do com

portamento individual, já teve sua validade plenamente demonstrada através da obra de JEAN PIAGET. No presente trabalho foi retomado e novamente revelou-se útil, como se verá a seguir.

MATERIAIS E MÉTODO

O procedimento empregado na pesquisa que aqui se relata baseou-se na técnica de colocação de bonecos. Convém lembrar que de 1962 a 1968 KUETHE e Colaboradores realizaram uma série de trabalhos em que utilizaram silhuetas humanas e outras figuras, que eram colocadas sobre feltro, medindo-se a seguir a distância percebida entre figuras de diferentes tipos. Foram levados a concluir que existem "esquemas sociais", graças aos quais as figuras humanas são percebidas como estando mais próximas entre si do que figuras geométricas ou de animais (KUETHE, 1962, 1964; LITTLE, 1968).

Mais tarde EDWARDS (1973) utilizou bonecos de "papier maché", adaptando o procedimento, para testar hipóteses derivadas da proxemia de E.T. HALL. A adaptação do procedimento permitiu a EDWARDS comparar as reações de sujeitos pertencentes a diferentes grupos culturais africanos, diante de certas tarefas cognitivas.

No presente trabalho a colocação de bonecos foi proposta a sujeitos infantis de ambos os sexos. Crianças de 6 a 12 anos, 20 em cada faixa etária, foram solicitadas a cumprir duas tarefas, utilizando um conjunto de 15 bonecos. Na primeira deviam apenas "arrumar" o conjunto todo sobre uma folha de papel em branco, de 66 cm por 47,5 cm. Os bonecos paravam em pé, pois haviam sido individualmente colocados sobre uma base de papelão de 3 cm de diâmetro. As únicas exceções eram dois nenozinhos, que não ficavam em pé. Após o arranjo livre

do conjunto sobre o papel, os sujeitos deviam explicar quem eram os bonecos e o que estavam fazendo. Por este meio pretendia-se verificar como a criança estrutura o seu conhecimento do grupo social.

A segunda tarefa consistia em escolher pares de bonecos, supondo que representassem diferentes papéis sociais, colocá-los sobre o papel "como se estivessem conversando", e inventar os diálogos correspondentes. Foram propostas aos sujeitos as seguintes situações de relação social informal: papai-mamãe, irmãos, amigos, irmãs, amigas, marido-mulher e desconhecidos (conversando pela primeira vez). A ordem em que estas situações foram propostas variou aleatoriamente entre os sujeitos. É interessante notar que a inversão da ordem em que as duas tarefas foram propostas, tentada em alguns casos (obviamente eliminados da amostra), alterou profundamente o arranjo espontâneo do conjunto de bonecos, que passou a ser feito nos moldes da tarefa anteriormente cumprida. Por essa razão manteve-se a ordem descrita, no procedimento empregado com as 140 crianças componentes da amostra, que forneceu resultados interessantes, como se verá a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente trabalho de pesquisa foi inicialmente planejado com o objetivo de se verificar a possibilidade de acompanhar o desenvolvimento de esquemas sociais, como aqueles observados por KUETHE e outros autores, nos trabalhos já mencionados. Por essa razão mediu-se a distância que separava os bonecos escolhidos e colocados pelos sujeitos como se estivessem conversando, na segunda tarefa proposta. Os dados assim obtidos foram analisados pelo teste de Friedman (Cf. CAMPOS, 1979).

Uma pesquisa piloto realizada com 21 sujeitos de 4 a 11 anos de idade, utilizando o mesmo procedimento, havia revelado uma diferença significativa ($p < 0,025$) entre as distâncias encontradas para "irmãos" e "desconhecidos". Essa diferença ocorreu na direção esperada, isto é, foi maior entre desconhecidos que entre irmãos. Em vista destes dados esperava-se que, comparando os resultados obtidos para cada faixa etária, seriam obtidas diferenças ainda maiores entre as diversas situações. Porém esta expectativa não foi confirmada. Apenas duas situações se revelaram significativamente diferentes, pelo teste de Friedman, em duas faixas de idade: aos 8 anos houve uma diferença significativa ($p < 0,01$) entre "irmãs" e "desconhecidos"; e aos 10 anos entre "irmãos" e "desconhecidos". Também aos 10 anos, entre "papai-mãe" e "desconhecidos", foi obtida uma fraca evidência de diferença ($p < 0,10$). Em todos estes casos a distância entre os bonecos foi maior para "desconhecidos" do que para as outras relações sociais propostas, como era de se esperar.

Dada a semelhança entre as relações sociais propostas aos sujeitos nesta segunda tarefa, procedeu-se a uma outra coleta de dados¹. Desta vez foram propostas a uma nova amostra de crianças de 6 a 12 anos, 10 em cada faixa etária, situações que envolviam relações formais entre os bonecos, como "médico-enfermeira", "professor-aluno" e "patrão-empregado". Não houve nesta fase a invenção de diálogos. Estes dados forneceram resultados semelhantes, porém com uma surpresa. De modo geral não se obteve diferença entre as distâncias encontradas nas várias situações sociais, embora se tratasse de relações próximas e relações formais, além de "desconhecidos". Somente aos 10 anos foi obtida uma diferença significativa ($p < 0,01$) entre "desconhecidos" e "médico-enfermeira". Mas o que constituiu surpresa foi a verificação de que a distância que separava os bonecos "desconhecidos"

¹ Todos os dados foram obtidos durante o ano de 1980, em escolas de primeiro grau de Piracicaba, SP, Brasil.

foi neste caso menor do que aquela empregada na outra situação. Este fato pode ser parcialmente explicado pelos diálogos que os sujeitos inventaram com relação às situações sociais próximas, e que serão comentados mais tarde (p. 22).

Portanto, os dados relativos às distâncias entre os bonecos não se revelaram muito interessantes quando estatisticamente analisados. Entretanto, a análise qualitativa do conjunto dos dados obtidos nas duas tarefas forneceu resultados surpreendentes, como se verá a seguir.

A Noção de Relação Social

A observação da reação inicial dos sujeitos diante do material e da primeira tarefa proposta revela já uma diferença em função do seu grau de desenvolvimento. Ao serem solicitadas a arrumar o conjunto de bonecos sobre o papel, "como achasse melhor", as crianças menores pegavam indiferentemente os bonecos, distribuindo-os ao acaso, ao passo que as mais desenvolvidas pareciam refletir sobre o conjunto, analisando-o com cuidado antes de iniciar a tarefa. Algumas destas retiraram todos os bonecos da caixa em que se encontravam, colocando-os em pé para observá-los atentamente e só então começaram a arrumá-los sobre o papel. É sem dúvida uma atividade de antecipação que inexistente entre as crianças menores.

A análise do agrupamento dos bonecos revela que vários padrões são adotados pelos sujeitos, refletindo a fase de desenvolvimento cognitivo em que se encontram. Em uma fase inicial esse agrupamento se faz de modo aleatório, às vezes sem obedecer a nenhum princípio de organização. Tomados casualmente, os bonecos são distribuídos por toda a folha de papel, em posições variadas. Antes denominado "ausência de organização" (BERGAMIN, 1982), este padrão predomina entre os sujeitos mais no-

vos, tendo sido apresentado por 16% dos sujeitos de 6 anos e por um sujeito (4%) em cada uma das outras faixas etárias, até 11 anos. Interrogados sobre o que os bonecos estavam fazendo, os sujeitos desta fase em geral não deram explicações. A resposta mais comum foi "não sei". Melhor designação para este padrão seria "organização incipiente", já que o arranjo dos bonecos não é inteiramente aleatório mas se faz com alguma ordem, voltada sobretudo para a formação de uma configuração total que agrade a criança.

Após essa primeira fase observa-se o aparecimento de um princípio mais forte de organização quando os bonecos são colocados de frente para o sujeito (lembrando a atividade centrada no eu, descrita por PIAGET), e nenhuma explicação é dada. Este padrão, aqui denominado "fila", pode aparecer em sujeitos de todas as idades, mas predomina entre 6 e 8 anos, tornando-se depois menos frequente e dando lugar a padrões mais complexos, em que surgem novas formas de organização. Observa-se uma tendência à concentração dos bonecos no espaço, assim como uma maior flexibilidade na posição destes, que não ficam necessariamente voltados para o sujeito. Superado o padrão de "fila", de início os bonecos são colocados em posição semelhante, uns atrás dos outros, formando um conjunto que em sociologia corresponde ao "agregado" (Cf. FICHTER, 1967, p. 113). A concentração no espaço é bem acentuada, com todos os bonecos colocados em uma das metades da folha de papel, à direita ou à esquerda, sugerindo que a proximidade física foi descoberta pelo sujeito como fator relevante na formação do grupo social. Embora possa haver dificuldade para explicar este padrão, a resposta típica à pergunta sobre o que estão fazendo é: "estão vendo alguma coisa". A maior frequência do "agregado" foi encontrada entre sujeitos de 9 anos (44%)².

² Em cada faixa etária foi computado o número de vezes que cada padrão ocorreu, tanto em sua forma pura como sob a forma de transição de um padrão para outro. Portanto, a porcentagem foi calculada não sobre o número de sujeitos, mas sobre o número de vezes que cada padrão foi observado.

O quarto padrão de agrupamento encontrado foi denominado "pequenos grupos", e caracterizava-se pela formação de grupos de dois ou mais bonecos, que na maior parte dos casos são colocados em interação face a face, isto é, voltados um para o outro. As explicações sobre quem são os bonecos e o que estão fazendo são muito variadas e facilmente oferecidas pelos sujeitos. Em geral os pequenos grupos são descritos como pessoas conversando: amigos, namorados, etc, sendo a explicação coerente com o tipo dos bonecos escolhidos. Embora encontrado em 2 sujeitos (8%) de 6 anos e em 3 (12%) de 7 anos, este padrão é mais frequente entre os sujeitos mais desenvolvidos, tendo sido observado em 43% dos sujeitos de 10 anos e em 67% dos de 11 e 12 anos.

Tentando verificar a influência do fator sócio-econômico sobre o desenvolvimento do tipo de comportamento estudado, realizou-se uma classificação da profissão do pai das crianças cujo desempenho foi classificado como "pequenos grupos". Não foi possível estabelecer relação entre esses dois tipos de fator. Nas diversas faixas etárias as crianças que realizaram "pequenos grupos" eram provenientes de famílias pertencentes às mais variadas categorias profissionais, desde trabalhadores não qualificados até profissionais liberais. É interessante notar que os pais das duas crianças de 6 anos que apresentaram este padrão eram um policial e o outro funcionário da Loteria Esportiva. Portanto, a precocidade com que a criança atinge esta fase não se relaciona diretamente com o nível sócio-econômico da família a que pertence. É mais provável que outros fatores aí presentes, como o tipo de relação pessoal dos pais com a criança e desta com seus pares, bem como a variedade de sua experiência de participação em grupos, determinem o seu desenvolvimento cognitivo social. Porém esta análise foge ao objetivo do presente trabalho.

Ainda outro padrão de agrupamento dos bonecos foi apresentado pelos sujeitos, com menor frequência, em todas as faixas etárias. Trata-se do "círculo", que por

suas características e pelo fato de aparecer em todas as idades dificilmente seria indicativo do grau de desenvolvimento do sujeito. Houve um predomínio deste padrão entre os sujeitos do sexo feminino: no total da amostra foram observados 13 casos entre as meninas e apenas 7 entre os meninos, sugerindo que este padrão pode estar ligado às atividades de brinquedo frequentemente desempenhadas pelas crianças.

As Figuras 1 a 5 mostram a distribuição de frequência de todos os padrões, nas inversas faixas etárias.

Constata-se que a frequência dos padrões iniciais apresenta uma tendência a diminuir com o aumento da idade dos sujeitos, ao passo que com o padrão "pequenos grupos" ocorre o inverso. O "agregado", padrão de transição entre os dois, revela uma curva bem mais irregular, não se observando nenhuma tendência definida em relação à idade. O mesmo ocorre com o "círculo".

É fácil notar que a porcentagem de sujeitos que realizam o padrão "pequenos grupos" aumenta gradualmente dos 6 aos 12 anos, ocorrendo o oposto com os padrões mais simples, que supõem menor estruturação da experiência social, como "ausência de organização" e "fila".

Finalmente, é preciso esclarecer que os padrões descritos correspondem a formas puras de desempenho, mas há numerosos casos intermediários, de transição entre eles. Assim, a passagem do padrão "fila" para o "agregado" não se faz diretamente por uma mudança repentina, mas sim através de mudanças graduais em que surgem padrões irregulares. É o que se nota quando o sujeito constrói uma fila dupla mais curta, ao invés de uma só fila longa, ou quando, na transição do "agregado" para os "pequenos grupos", os bonecos são distribuídos dois a dois mas não em interação face a face, e permanecem concentrados em uma só metade da folha de papel.

Os resultados apresentados, de inequívoco interesse:

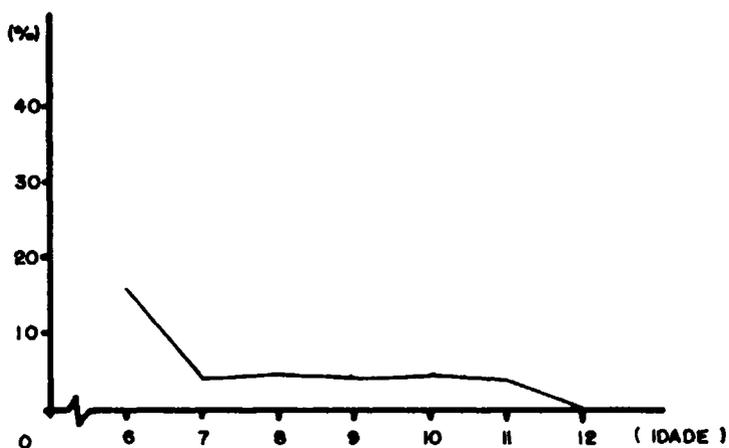


FIG. 1: "AUSÊNCIA DE ORGANIZAÇÃO" OU "ORGANIZAÇÃO INCIPIENTE"

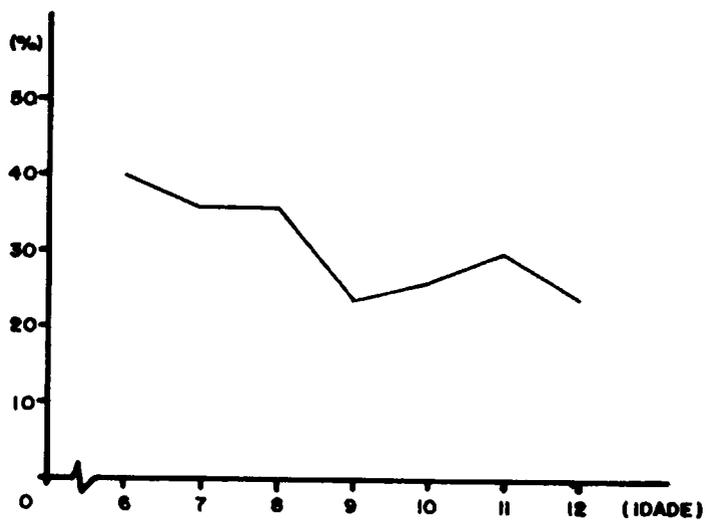


FIG. 2: "FILA"

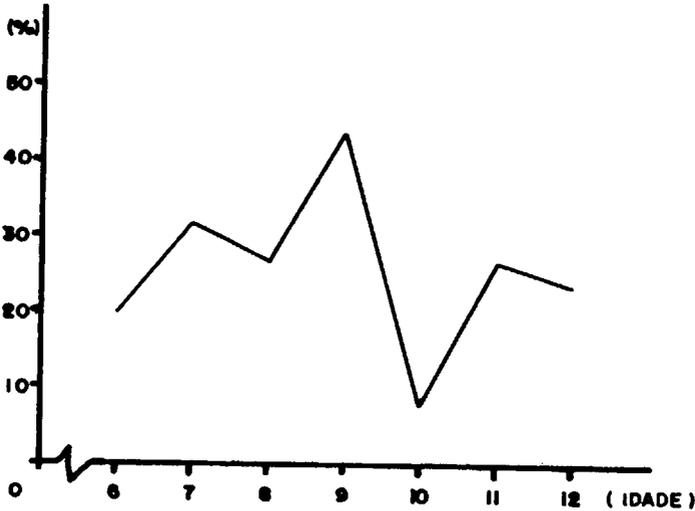


FIG 3: "AGREGADO"

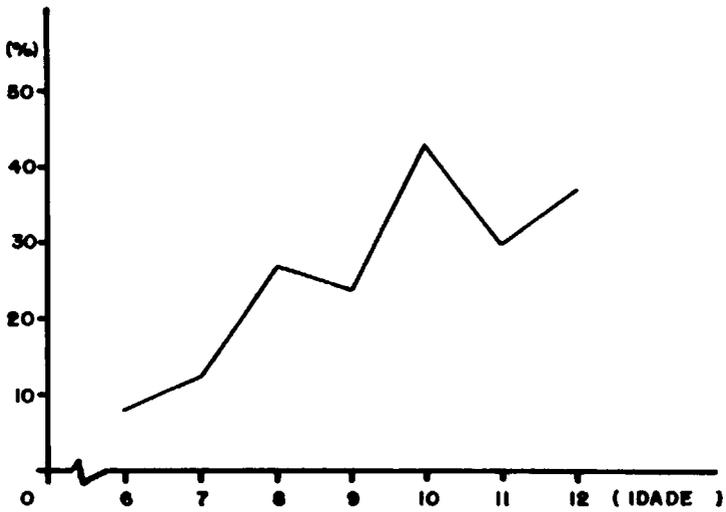


FIG. 4: "PEQUENOS GRUPOS"

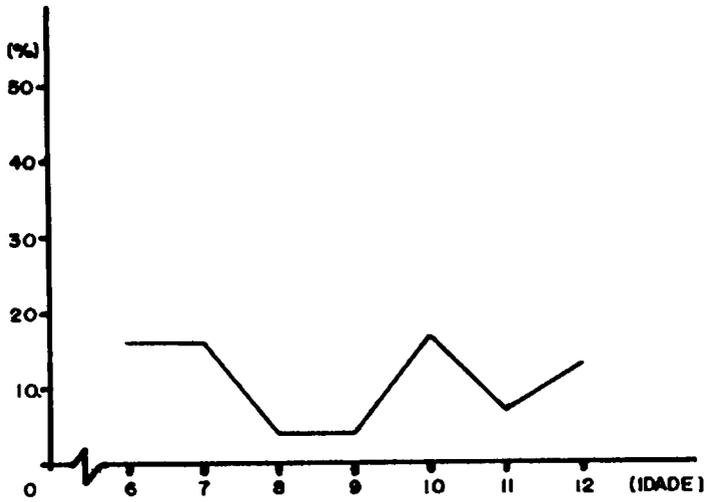


FIG. 8: "CÍRCULO"

para a psicologia social, têm valor também para a epistemologia genética. Desde logo verifica-se que os mecanismos subjacentes ao desenvolvimento dos esquemas de comportamento social assemelham-se aos descritos por PIAGET com relação aos esquemas de comportamento inteligente. Nos dois casos dá-se a descoberta de uma dimensão relevante da situação, alternando-se com outras e gradualmente se construindo uma noção operatória, que no caso atual se baseia na reciprocidade da relação.

Segundo PIAGET (1970a; 1973) as ações individuais e as "co-operações" que ocorrem ao nível do grupo social constituem dois aspectos indissociáveis de uma única realidade. Por essa razão não teria sentido falar em duas lógicas distintas, uma social e a outra individual. Nos dois casos, as mesmas estruturas gerais se aplicam a toda conduta humana, "sem hierarquia entre seus aspectos coletivos e seus aspectos individualizados".

É o que os dados atuais permitem constatar, nos vários níveis de análise que a teoria piagetiana oferece.

Explicando a passagem da ação irreversível à operação reversível, PIAGET afirma que uma operação não aparece em estado isolado, não é apenas uma ação particular, que em certo momento é concebida como reversível. Ao contrário, seu crescimento é gradual e se faz por um processo de estruturação em que configurações inicialmente rígidas dão lugar a estruturas móveis que as absorvem e transformam. É o que se observa nos dados atuais, em que o padrão "fila", configuração rígida e estática, é pouco a pouco substituído pelo "agregado", que leva por sua vez aos "pequenos grupos", em que já se encontra a mobilidade das transformações operatórias.

Em outro nível de análise, os dados atuais podem ser discutidos nos termos do processo de abstração reflexiva empregados por PIAGET (1977). Aqui, como nos trabalhos sobre o conhecimento do mundo físico, verifica-se a construção de categorias conceituais cada vez mais ele

vadas e estáveis. A partir da prática social vai a criança reconstruir a sua experiência através da atividade representativa, pela qual reorganiza conceitualmente o real, de início "aplicando" suas operações aos objetos, e mais tarde "atribuindo-lhes" operações que os transformam em função das estruturas próprias já construídas.

É o que se observa nos dados atuais. Ao dispor os bonecos em "fila" ou "agregado", o sujeito está aplicando a esses objetivos certa ordem, sem lhes impor nenhuma operação. Mas ao formar os "pequenos grupos" certa composição operatória é atribuída aos bonecos, que passam a interagir, mantendo entre si relações sociais.

A noção de relação social aqui estudada tem um caráter tardio, e sua correlação com o conhecimento do mundo físico deverá ser objeto de pesquisas futuras.

A Verbalização na Relação Social

Toda interação social implica, de um modo ou de outro, comunicação entre os elementos. Essa comunicação, embora não seja necessariamente verbal, põe em jogo certas regras sobre qual membro do grupo codifica determina a mensagem e quem a decodifica. Portanto, o conteúdo das mensagens comunicadas em um grupo deverá se alterar conforme a relação mantida entre os comunicadores. Além disso, o conhecimento sobre "quem envia qual mensagem para quem" supõe uma compreensão, ainda que parcial, dos papéis sociais desempenhados por diferentes pessoas, e essa compreensão deve aumentar à medida que se estrutura a experiência social, ao longo do desenvolvimento psicológico individual.

Este trabalho, voltado para o estudo do desenvolvimento da noção de relação social, permitiu também alguma exploração daquele processo psicogenético, através dos

diálogos inventados pelos sujeitos e atribuídos aos bonecos nas sete situações propostas na segunda tarefa, já referidas. Uma breve análise do discurso utilizado pelas crianças confirma as proposições acima, apresentando dados de grande interesse para a psicologia social, coerentes com as idéias que norteiam este trabalho.

A observação do comportamento infantil ao inventar os diálogos revela que aos 6/7 anos a criança tem dificuldade para realizar essa tarefa, sendo frequentes os casos em que a resposta à solicitação é "não sei". Além disso, quando um tema é utilizado em uma situação há uma tendência a assimilá-lo a muitas outras. Assim, para Rogério (4) irmãs arrumam cozinha, portanto conversam sobre isso. Mas também amigas conversam sobre cozinha, assim como o marido e a mulher, e papai e mamãe. Nas situações que envolvem apenas o sexo masculino, o assunto é "trabalhar em ônibus", o que indica a diferenciação nítida dos papéis sociais, segundo o sexo, aos 6 anos. Para José Renato (7;1) todos conversam sobre "passear".

A partir dos 8 anos os diálogos são inventados com mais facilidade, ocorrendo uma acomodação dos temas utilizados aos papéis atribuídos aos bonecos, nas diversas situações propostas.

De modo geral nota-se nos diálogos grande adequação às situações imaginadas, refletindo duas tendências principais: se de um lado há um desejo de harmonia e relações amigáveis entre as pessoas, de outro lado observa-se também preocupação e certa angústia. Nestes casos, os temas mais perturbadores que as crianças utilizam, nas diferentes faixas etárias, referem-se a doenças e problemas financeiros na família. Este objeto de preocupação das crianças, nada surpreendente em uma sociedade que mantinha elevado nível de inflação, revelou-se bastante comum, principalmente por volta dos 10 anos. Nesta idade, na situação marido-mulher, Vanda (10; 11) afirmou que o casal resolvera tirar os filhos da escola particular "por que está muito caro". Este exemplo ilus

tra bem o fenômeno da interação pais-filhos no grupo familiar, revelando o reflexo das dificuldades enfrentadas pelos primeiros sobre as crianças. Além disso, para os sujeitos observados depreende-se dos diálogos que os filhos constituem a principal preocupação dos pais, o que sugere o egocentrismo estudado por PIAGET. Esta preocupação refere-se principalmente à saúde e ao desempenho escolar das crianças³.

Por outro lado, é provável que aquele tipo de preocupação, observado a partir dos 10 anos de idade, alie-se a uma progressiva compreensão dos papéis sociais e à crescente complexidade do pensamento infantil (que serão analisadas a seguir) para tornar a criança apta a penetrar cada vez mais no mundo dos adultos. Como foi notado por PIAGET, tal penetração se efetiva durante a adolescência.

Nos diálogos inventados pelos sujeitos deste trabalho, a preocupação com o futuro ('o que vão ser quando ficarem grandes') surgiu por volta dos 9 anos.

As atribuições referentes aos vários papéis sociais, implícitas nos diálogos, são analisadas a seguir.

Irmãs compram roupas juntas, amigas passeiam. Em ambos os casos, as conversas frequentemente referem-se a escola e lazer. Irmãos e amigos conversam principalmente sobre brincadeiras e escola, e às vezes sobre a família.

Embora aos 10 anos marido e mulher tenham poucas alternativas de conversa, pois os assuntos versam

³ É clara a utilidade do procedimento empregado para o estudo da dinâmica da interação familiar, pelas possibilidades que oferece à investigação das relações sociais, bem como dos conflitos e outros fenômenos frequentes nas relações interpessoais que se estabelecem na família.

apenas sobre os filhos ou o trabalho do marido (nunca da mulher), aos 12 anos as possibilidades se ampliam e surgem as trocas de idéias sobre cinema e outras diversões.

Ainda em relação ao casal, desde as primeiras faixas etárias observadas há uma diferenciação muito clara dos papéis sociais e suas atribuições conforme o sexo. Assim, embora o casal converse sobre o custo de vida, a necessidade de fazer economia, etc, o marido provê as despesas. Para Ana Lúcia (8;8), no diálogo entre papai e mamãe, ela está pedindo dinheiro e ele para ir ao supermercado. O marido trabalha fora, a mulher trabalha em casa. Na situação marido-mulher, diz Reinaldo (7;2) que eles conversam "que ele vai trabalhar (fora) e ela vai em casa". Por outro lado, o marido deve chegar em casa no horário previsto e a mulher deve aprontar a refeição a tempo. Ele tem o direito de exigir pontualidade.

Com relação aos diálogos entre desconhecidos (que pela instrução "estão conversando pela primeira vez") nota-se que, em sua maioria, confirmam BERGER & LUCKMANN, que afirmam que ao conversar pela primeira vez as pessoas se interessam pelos nomes respectivos. Entretanto, aqui surge um resultado interessante. Para os sujeitos de 10 anos de idade, os diálogos entre desconhecidos podem incluir vários assuntos, além do nome: família, lazer e escola. Isso é possível por que nesta idade a criança vai além da primeira conversa, e passa a supor outras possibilidades. Assim, para Raul (10;9) os desconhecidos foram apresentados e descobriram que eram primos. Para Rita (10;7) uma desconhecida afirma que a outra é boa. Diante da objeção da pesquisadora, de que sendo desconhecidas as duas não se conhecem, Rita responde: "mas agora vão se conhecer". Nota-se aqui certa antecipação do futuro, imprópria por que assimilada ao presente, mas possivelmente responsável pela menor distância encontrada nesta situação, antes referida (p. 9).

Um tema pouco comum na verbalização dos sujeitos

diante das situações propostas refere-se a sexo e namoro. Entre 6 e 11 anos este tema raramente apareceu nos diálogos. Começa a surgir aos 12 anos, entre amigos, e irmãos, bem como entre adultos casados. Este fato confirma certas proposições de FREUD (1934, p. 110) sobre o período de latência na evolução da sexualidade infantil.

É importante destacar ainda a crescente complexidade das situações descritas pelos diálogos, confirmando PIAGET (1970b, 45). Assim, dos 6 aos 8/9 anos a conversa entre dois irmãos consistia em um perguntar ao outro se queria ir brincar. Após os 10 anos, porém, um pergunta ao outro "quem vai pedir para o pai se deixa jogar futebol no campo aí perto", ou se a mãe deixa ir ao zoológico. Além da ampliação da experiência e de sua diferenciação, que permite pensar em brinquedos específicos como jogar futebol ou ir ao zoológico em vez de brincar simplesmente, nota-se a maior antecipação e coordenação de perspectivas, que garante a previsão simultânea de vários aspectos da situação social: o lugar onde se vai brincar, a autorização dos pais, quem vai pedi-la. Esta maior antecipação da conduta está sem dúvida relacionada com a preocupação relativa ao futuro, observada por volta dos 9 anos, como foi notado.

Por outro lado, estas observações sobre a verbalização na relação social permitem constatar a existência de um processo evolutivo que se revela por uma progressiva acomodação das mensagens comunicadas aos papéis sociais atribuídos aos bonecos, nas situações propostas. Esta adaptação gradual da linguagem como instrumento de comunicação social parece acompanhar o desenvolvimento do comportamento cooperativo, que segundo NIELSEN (1951) passa por uma fase decisiva por volta dos 7/8 anos. Porém, os dados atuais mostram que após essa idade a criança tem ainda um longo caminho a percorrer, na construção da relação social ao nível da atividade representativa. Os progressos observados após os 10 anos de idade confirmam esta suposição, tanto sob o ponto de vista da comunicação como da construção dos "pequenos grupos", revelado

dores de uma noção operatória, reversível, da relação social.

Finalmente os dados apresentados, em seu conjunto, levantam certas indagações que constituem por sua vez novas pistas para pesquisa. Quais os fatores da vida social da criança responsáveis pela dinâmica do processo descrito? Os dados atuais, baseados na observação de sujeitos provenientes de classe média, irão se confirmar pelo desempenho de outras crianças, de camadas sociais mais elevadas ou mais baixas?⁴ Qual a influência da escolarização precoce sobre o desenvolvimento da noção aqui estudada? A resposta a tais indagações viria certamente contribuir para a melhor compreensão não só do fenômeno descrito, como também do processo mais amplo da socialização.

CONCLUSÃO

O processo psicológico de construção estrutural que se opera no indivíduo levando-o a um comportamento coerente e equilibrado, e que PIAGET estudou no domínio do comportamento inteligente, verifica-se também no desenvolvimento do comportamento social. Os dados que este trabalho apresenta permitiram constatar a existência de um processo gradual de organização da experiência social, que ao nível da atividade representativa leva à construção da noção de relação social.

Ao organizar a própria experiência com objetos do-

⁴ Dados recentemente colhidos em cinco escolas de primeiro grau de Piracicaba, garantindo a ampliação da amostra, sugerem que não há relação entre a origem social do sujeito e o seu desempenho na tarefa de organização dos bonecos.

tados de significado social, a criança constrói noções que se relativizam progressivamente, superando a irreversibilidade das fases iniciais para atingir a compreensão da reciprocidade social, presente na interação face a face. Por este processo se constrói uma noção operatória que tem como componentes o agrupamento ou ordenação no espaço e a atribuição de um papel ou função social ao objeto, que passa a ser conhecido em sua relação com os demais. Portanto, a estruturação dos fatores cognitivos ligados ao comportamento social, necessariamente presentes no processo de socialização, supõe uma longa e difícil elaboração no plano da atividade representativa, através da reconstrução da experiência.

Como foi sugerido anteriormente, verifica-se que o desenvolvimento do conhecimento social se faz no sentido de uma penetração do indivíduo no conjunto dos sistemas de significado que caracterizam a cultura. Tal penetração se realiza através de uma troca permanente entre o indivíduo, com seus recursos pessoais, e o meio social que o cerca, dotado de grupos, instituições, padrões de conduta e outros mecanismos pelos quais se exerce a influência social.

O presente trabalho, revelando a existência do processo construtivo de uma noção básica do conhecimento social, presta uma contribuição à psicologia social ao sugerir um rumo novo para o estudo da socialização, pelas indagações que levanta. Além disso, apresenta um procedimento que, ao apreender a gênese do conhecimento social, se revela capaz de fornecer dados de interesse para a epistemologia.

SUMMARY

STRUCTURATION AND VERBALIZATION IN SOCIAL KNOWLEDGE

One hundred forty six-to-twelve year old children, of both sexes, were individually asked to perform two tasks, based on the doll-placement technique. The first task consisted in arranging a set of 15 dolls on a paper sheet, as they wanted. In the second one Subjects should take two dolls at wish, and suppose there was a given social relationship between them. Subjects should also invent a supposed conversation between the chosen dolls. Data analysis showed the existence of a psychogenetic process of structuration of social knowledge leading to the notion of social relationship, as well as a progressive anticipation of behavioral implications. It was also observed that social thinking becomes increasingly complex with age. Results were discussed in terms of Piaget's theory, and of Berger and Lukmann's propositions on the nature of social reality.

LITERATURA CITADA

ASCH, S.E., 1960. **Psicologia social**, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 2 vol.

BERGAMIN, M.D.B., 1982. A psicogênese da noção de relação social, Tese de Livre Docência, Piracicaba, ESALQ - USP.

BERGAMIN, M.D.B., 1984. "Estruturalismo genético e socialização", **Psicologia e Sociedade**, nº 7.

BERGER, P. e T. LUCKMANN, 1978. **A construção social da realidade**, Petrópolis, Editora Vozes.

- CAMPOS, H., 1979. *Estatística experimental não-paramétrica*, Piracicaba, ESALQ.
- DELA COLETA, J.A., 1984. "Atribuição de causalidade". Comunicação apresentada durante a XIV Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto, SP.
- EDWARDS, J.A., 1973. "A cross-cultural study of social orientation and distance schemata by the method of doll-placement", *Journal of Social Psychology*, 89, 165-176.
- FICHTER, J.H., 1967. *Sociologia*, São Paulo, Editora Herder.
- FREUD, S., 1934. *Una teoria sexual y otros ensayos*, Madrid, Biblioteca Nueva.
- HALL, E.T., 1959. *The silent language*, New York, Anchor Books.
- HALL, E.T., 1971. *La dimension cachée*, Paris, Editions du Seuil.
- KUETHE, J.L., 1962. "Social schemas". *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 64(1), 31-38.
- KUETHE, J.L., 1964. "Pervasive influence of social schemata", *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 68(3), 248-254.
- LITTLE, K.B., 1968. "Cultural variations in social schemata", *Journal of Psychology*, 10(1), 1-7.
- NIELSEN, R.F., 1951. *Le developpement de la sociabilité chez l'enfant. Etude expérimentale*. Neuchâtel, Delachaux et Niestlé.
- PIAGET, J., 1970a. *Epistémologie des sciences de l'homme*, Paris, Gallimard.

- PIAGET, J., 1970b. **O estruturalismo**, São Paulo, Difusão Européia do Livro.
- PIAGET, J., 1973. **Estudos sociológicos**, Rio de Janeiro, Campanhia Editora Forense.
- PIAGET, J., 1977. **Recherches sur l'abstraction re-
flechissante**, Paris, Presses Universitaires de France.
- RODRIGUES, A., 1972. **Psicologia social**, Petrópolis, Edi-
tora Vozes.